



FOLHA DOMINICAL

Domingo XI do Tempo Comum

Primeira Leitura (Ez 17, 22-24)

Eis o que diz o Senhor Deus: «Do cimo do cedro frondoso, dos seus ramos mais altos, Eu próprio arrancarei um ramo novo e vou plantá-lo num monte muito alto. Na excelsa montanha de Israel o plantarei e ele lançará ramos e dará frutos e tornar-se-á um cedro majestoso. Nele farão ninho todas as aves, toda a espécie de pássaros habitará à sombra dos seus ramos. E todas as árvores do campo hão de saber que Eu sou o Senhor; humilho a árvore elevada e elevo a árvore modesta, faço secar a árvore verde e reverdeço a árvore seca. Eu, o Senhor, digo e faço».

O texto recolhe um oráculo do profeta Ezequiel, dirigido aos exilados na Babilónia depois do primeiro cerco a Jerusalém (597 a.c.) e antes da destruição definitiva da cidade (587 a.c.). É a conclusão da parábola das duas águias (Ez 17,1-21), onde o profeta realiza uma leitura teológica de uma situação política. Critica a tendência pró-egípcia do fraco rei judeu Sedecias – colocado por Nabucodonosor em detrimento do rei legítimo Jeconias – inclinado a romper o pacto com os babilónios. Para Ezequiel, apoiar-se no Egito para lutar contra os babilónios significava colocar nas mãos de uma potência estrangeira a esperança de uma salvação que só podia provir de Deus. Nesta situação de instabilidade, com a ameaça de uma crise sem paliativos, surgiu também a pergunta pelo cumprimento das promessas messiânicas. A elas se refere este oráculo com o qual se encerra a parábola. Perante a possível desapareição da dinastia davídica, o profeta apela à soberania histórica de Deus. Emprega para isso uma série de metáforas com as quais busca sustentar a sua esperança. O «cedro» é Judá, o «ramo do topo do alto do cedro» é o rei que restabelecerá a dinastia davídica em Jerusalém, a cidade que se tornará novamente um «cedro magnífico». Não será nenhum rei humano quem salvará Judá. Também o seu reinado não voltará a ser exercido nunca mais por homens soberbos («árvores elevadas»), mas por pessoas humildes que estão perto do Senhor.

Segunda Leitura (2Cor 5, 6-10)

Irmãos: Nós estamos sempre cheios de confiança, sabendo que, enquanto

habitarmos neste corpo, vivemos como exilados, longe do Senhor, pois caminhamos à luz da fé e não da visão clara. E com esta confiança, preferíamos exilar-nos do corpo, para irmos habitar junto do Senhor. Por isso nos empenhamos em ser-Lhe agradáveis, quer continuemos a habitar no corpo, quer tenhamos de sair dele. Todos nós devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que receba cada qual o que tiver merecido, enquanto esteve no corpo, quer o bem, quer o mal.

Paulo procura mostrar como os acontecimentos que se esperam no futuro condicionam a experiência cristã do presente. Estabelece um contraste entre a existência atual, que define como «vivemos como exilados, longe do Senhor», e a futura: «irmos habitar junto do Senhor». A antítese não se desenvolve entre corpo e espírito, mas entre uma vida terrena, caduca e mortal, e outra gloriosa e indestrutível junto a Deus. A formulação indica que, quando termina um estado, começa o outro. Paulo expressa a sua preferência por estar com o Senhor mais do que por permanecer no seu atual estado corporal. Esta afirmação implica o pressentimento da ameaça de uma morte próxima, no meio de uma situação marcada por profundas dificuldades e tribulações como consequência do desenvolvimento do ministério que lhe foi confiado (4,1-12). Mas, seja qual for o seu futuro próximo, morte ou vida, afirma que o importante para ele é levar uma existência positiva e agradável a Deus. Finaliza com uma representação do julgamento no qual atribui um papel preponderante a Cristo. Ele será quem revelará o que escondem o coração e as ações humanas. Deste modo, desvia o foco de atenção dos sofrimentos que o apostolado implica para Cristo como único garante da veracidade da atuação de cada um.

Evangelho (Mc 4, 26-34)

Naquele tempo, disse Jesus à multidão: «O reino de Deus é como um homem que lançou a semente à terra. Dorme e levanta-se, noite e dia, enquanto a semente germina e cresce, sem ele saber como. A terra produz por si, primeiro a planta, depois a espiga, por fim o trigo maduro na espiga. E quando o trigo o permite, logo se mete a foice, porque já chegou o tempo da colheita». Jesus dizia ainda: «A que havemos de comparar o reino de Deus? Em que parábola o havemos de apresentar? É como um grão de mostarda, que, ao ser semeado na terra, é a menor de todas as sementes que há sobre a terra; mas, depois de semeado, começa a crescer e torna-se a maior de todas as plantas da horta, estendendo de tal forma os seus ramos que as aves do céu podem abrigar-se à sua sombra». Jesus pregava-lhes a palavra de Deus com muitas parábolas como estas, conforme eram capazes de entender. E não lhes falava senão em parábolas; mas, em particular, tudo explicava aos seus discípulos.

No Evangelho deste domingo recolhem-se duas parábolas com as quais Jesus compara o

reino, acentuando especialmente a diferença entre a situação inicial e a final. Os exemplos são tirados do mundo da agricultura e narram factos evidentes. Na primeira, um lavrador abandona o campo semeado e deixa a semente à sua sorte. O processo de crescimento da semente desenrola-se em diferentes estádios, que simbolizam também distintos graus de ocultação e de maior ou menor distância da colheita final. Apenas quando o processo terminar, chegará o fim anunciado. A abundância da colheita é atribuída à terra e escapa ao conhecimento e intervenção do lavrador. Este só deve voltar a atuar quando chegar a altura da ceifa. Da mesma forma, a parábola do grão de mostarda fala de um reino que está presente no aqui e agora e que tem o seu começo no presente. Embora a sua natureza não possa ser conhecida, é possível descobrir que se está a desenvolver e avança para a sua consumação. A parábola da mostarda sublinha este carácter elusivo, incidindo no facto de que o seu crescimento está para além da capacidade de compreensão humana e do seu poder de controlo. O resumo final acerca do ensino de Jesus em parábolas afirma também que estas não desvendam totalmente o mistério. Após o final da parábola do grão de mostarda, Marcos lembra o dualismo que encerra o sentido secreto destes ensinamentos e a necessidade de serem interpretadas.

Deus nas letras humanas

Canção do sementeiro

Na terra negra da vida,

Pousio do desespero,

É que o Poeta semeia

Poemas de confiança.

O Poeta é uma criança

Que devaneia.

Mas todo o sementeiro

Semeia contra o presente.

Semeia como vidente

A seara do futuro,

Sem saber se o chão é duro

E lhe recebe a semente.

Miguel Torga

Avisos Paroquiais | 16 a 23 de junho

16 | XI Domingo do tempo comum

Profissão de Fé | 11:00

Sunset para a Guiné | 17:00 | Casa dos Laceiras

17 | Reunião da Comissão permanente do Conselho Paroquial Pastoral | 21:30

18 | Reunião com a Pastoral Juvenil | 21:30

19 | Recoleção com a catequese | Silvalde | 21:30

21 | Confissões de preparação para o Sacramento da Santa Unção | 18:00

22 | Oração de Taizé | Capela de Santa Maria Maior | 21:30

23 | XII Domingo do tempo comum

Dia Paroquial do doente | 16:00

25 | Carregamento do contentor | 21:30